

# Corpos políticos na entrega da faixa presidencial: uma análise discursiva

*Political bodies at the presidential sash handover: a discursive analysis*

Mariana Jantsch de Souza<sup>1</sup>

## RESUMO

A presente proposta traz como objeto de análise um enunciado produzido em repercussão ao acontecimento da entrega da faixa presidencial ao 39º Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, ocorrido em 1º de janeiro de 2023. Acompanha a imagem o enunciado "O Brasil toma posse de si mesmo". Com amparo na teoria materialista dos processos discursivos, de Michel Pêcheux, propomos analisar o funcionamento político do corpo e o seu protagonismo nas relações de poder retratadas na cena discursiva em tela. Interessa-nos compreender a relação discursiva que pode ser estabelecida entre corpo, enquanto materialidade discursiva, e designação, enquanto funcionamento discursivo - tal como a noção teórica proposta por Guimarães. Nestas condições de produção, para este gesto de análise, a discursividade em pauta constitui um contradiscurso em relação aos discursos antidemocráticos representativos da extrema direita e do governo que findou no momento desta posse presidencial. Procuramos, portanto, problematizar, refletir e contribuir para a compreensão dos funcionamentos discursivos que movimentam sentidos sobre o Brasil, o brasileiro, a democracia brasileira, bem como as diferenças que constituem a brasilidade e atravessam nossa experiência social.

**Palavras-chave:** Democracia. Discurso. Corpo e Designação.

## ABSTRACT

This proposal focuses on analyzing an utterance produced in response to the presidential sash handover to the 39th President of the Federative Republic of Brazil, Luiz Inácio Lula da Silva, on January 1, 2023. Accompanying the image is the utterance "Brazil takes ownership of itself." Based on the materialist theory of discursive processes, by Michel Pêcheux, our aim is to analyze the political functioning of the body and its protagonism in the power relations portrayed in the discursive scene on screen. We are interested in understanding the discursive relationship that can be established between the body, as a discursive materiality, and designation, as a discursive functioning - such as the theoretical notion proposed by Guimarães. In these conditions of production, for this gesture of analysis, the discourse under scrutiny constitutes a counter-discourse in relation to the anti-democratic discourses representing the extreme right and the previous government, which culminated at this presidential inauguration moment. Therefore, our objective is to problematize, reflect upon, and contribute to understanding the discursive functioning that move meanings about Brazil, its people, Brazilian democracy, as well as the differences that constitute Brazilian identity and permeate our social experience.

**Keywords:** Democracy. Discourse. Body and Designation.

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), câmpus Venâncio Aires-RS. Santa Cruz do Sul/RS, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2622-2421>. E-mail: [marianasouza@ifsul.edu.br](mailto:marianasouza@ifsul.edu.br).

## 1 INTRODUÇÃO

Estas reflexões partem do compromisso social e político que, em nosso ponto de vista, é indissociável do fazer científico. Entendemos que diante de temas públicos emergentes, nossa função social, enquanto pesquisadoras e profissionais da área das Linguagens e da Educação, está em desfazer as evidências de diferentes objetos simbólicos compreendendo a teia de sentidos que engendra a sua própria produção. Ao discutir o papel da linguagem, podemos contribuir para a compreensão do processo de discursivização das relações de força que estruturam o edifício social brasileiro.

Na leitura aqui textualizada, buscamos refletir e contribuir para a compreensão do nexos entre ideologia e discurso, atentando para os processos históricos de significação das relações de força que atravessam nossa formação social. A presente proposta traz como objeto de análise um enunciado produzido em repercussão ao acontecimento histórico da entrega da faixa presidencial ao 39º Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Trata-se de uma charge com o seguinte elemento verbal: "O Brasil toma posse de si mesmo".

Com amparo na teoria materialista dos processos discursivos, de Michel Pêcheux (2009, 2010), a Análise de Discurso (AD), propomos analisar o funcionamento político do corpo e o seu protagonismo nas relações de poder retratadas na cena discursiva<sup>2</sup> em pauta. Interessa-nos compreender a relação discursiva que pode ser estabelecida entre corpo, concebido como materialidade discursiva, tal como vem sendo trabalhado nos estudos em AD, e designação - a partir da noção teórica proposta por Guimarães (2003, 2005). E, em razão da conjuntura em que se deu o acontecimento histórico da referida posse presidencial, também temos em nosso horizonte a noção teórica de democracia (Bobbio, 2002, 2014; Touraine, 1998) como eixo para o entendimento dos efeitos de sentido produzidos e postos em circulação sobre o Brasil e sobre os espaços de poder públicos - tal como a Presidência da República.

Dessa forma, esta reflexão teórico-analítica se insere num percurso em que nos dedicamos a compreender como o corpo pode funcionar discursivamente como unidade designativa em algumas condições de produção (Souza; Silva, 2024). Em razão disso, pontuamos como questões norteadoras deste exercício analítico, as seguintes: Como o corpo pode formular/produzir sentidos? Como o corpo pode colocar sentidos em circulação social? Procuramos, assim, problematizar, refletir e contribuir para a compreensão dos funcionamentos discursivos que movimentam sentidos sobre o Brasil, o brasileiro, as diferenças que constituem a brasilidade e atravessam nossa experiência social enquanto sujeitos de linguagem, bem como os modos de conviver com as diferenças.

Para fins de organização textual, optamos por logo apresentar nossa materialidade de análise, contextualizando-a em relação às suas condições de produção imediatas. Na sequência, consideramos as condições de produção em sentido amplo, ou seja, abordamos o contexto sócio-histórico e ideológico para apresentarmos nosso gesto de leitura. Em seguida, dedicamo-nos às noções de corpo e de designação na produção de

<sup>2</sup> Para estas reflexões, com amparo em Cazarin (2013), compreendemos que a cena discursiva não é tomada como algo preexistente, pois, a própria ideia de cena/encenação pressupõe algo que se representa no/pelo discurso, entendido na sua incompletude. Indursky (1997; 2002), por sua vez, entende a cena discursiva como lugar de tensão, espaço de confronto, em que discursos antagônicos mobilizam formações discursivas que se opõem.

sentidos sobre o Brasil e a democracia brasileira, bem como à noção teórica de democracia para pensarmos nosso objeto de análise como um contradiscurso face aos discursos antidemocráticos que circulam em nossa sociedade. Por fim, fechamos esse percurso com considerações conclusivas do presente exercício teórico-analítico.

## 2 CORPO E DESIGNAÇÃO NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE O BRASIL E A DEMOCRACIA BRASILEIRA

### 2.1 Do objeto de análise e a conjuntura histórica em torno da posse do 39º Presidente da República Federativa do Brasil

Eis nosso objeto de análise:

**Figura 1:** Charge em repercussão a entrega da faixa presidencial ao 39º Presidente da República Federativa do Brasil



**Fonte:** Mídia Ninja (2023)

Esta discursividade é uma charge, de autoria de Jorge Luiz Silveira, produzida em repercussão ao acontecimento histórico<sup>3</sup> de 1º de janeiro de 2023, quando o 39º Presidente da República Federativa do Brasil tomou posse acompanhado de um grupo, enquanto representantes do povo brasileiro, do corpo social. Diferentes discursividades acerca deste fato foram amplamente replicadas em perfis públicos e privados nas redes sociais e foi por

<sup>3</sup> Esclarecemos ao leitor que consideramos as distinções entre acontecimento enunciativo, discursivo e histórico, importantes para os estudos em AD. Acontecimento histórico é um fato, um evento simbolizado através da língua. É “o acontecimento em si, tomado como fato histórico, é o que concebemos como acontecimento histórico, como algo pontual, capaz de gerar múltiplas discursividades” (Cazarin; Rasia, 2014, p. 194). A partir de um acontecimento histórico pode surgir um acontecimento enunciativo ou discursivo, dependendo do modo como é significado. O acontecimento enunciativo “reorganiza/reestrutura a discursividade interna da FD”, faz surgir “um novo modo de enunciar os sentidos” (Cazarin; Rasia, 2014, p. 208). Esse novo modo opera instaurando a divergência entre posições-sujeito do mesmo domínio de saber, mas não produz rupturas com sentidos já em circulação. Diferente é o acontecimento discursivo, cuja marca é a ruptura com processos de significação. Esse acontecimento “inaugura uma nova “estabilidade” discursiva” conforme explicam Cazarin e Rasia (2014, p. 195), pois “determina o surgimento de uma nova FD e, por conseguinte, de uma nova forma-sujeito; nele “a ruptura é radical e definitiva” (Cazarin; Rasia, 2014, p. 207). Por considerar essa diferença, utilizamos neste texto o termo acontecimento histórico para tratar a situação em análise, pois não aprofundaremos a discussão sobre a possibilidade de concebê-la como acontecimento discursivo.

nós coletada no perfil do portal de comunicação *Mídia Ninja*<sup>4</sup> no *Instagram*. Para possibilitar uma melhor compreensão de nosso objeto, apresentamos, também, dois enunciados fotográficos que recuperam o acontecimento histórico em si:

**Figura 2:** Fotografia da entrega da faixa presidencial ao 39º Presidente da República



Fonte: O Globo (2023)

**Figura 3:** Fotografia numerada da entrega da faixa presidencial ao 39º Presidente da República



Fonte: Verdélio; Richter (2023)

Estas duas materialidades, figuras 2 e 3, retratam o acontecimento histórico em pauta a partir de duas capturas fotográficas que apresentam Lula, Janja (primeira-dama), Geraldo Alckmin (vice-Presidente) e Lu Alckmin (segunda-dama) acompanhados de sujeitos representativos do povo brasileiro. São, precisamente, oito cidadãos: um artesão paraense de 50 anos; uma catadora de 33 anos; um professor de 28 anos; um metalúrgico de 36 anos; um influenciador digital referência na luta anticapacitista de 24 anos; um líder indígena de 90 anos; uma cozinheira de 45 anos e um menino negro

<sup>4</sup> *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) é uma rede de mídia com ampla atuação no Brasil. Sua abordagem é conhecida pela militância sociopolítica e identitária, declarando-se ser uma alternativa à imprensa tradicional. A estrutura da *Mídia Ninja* faz uso das redes sociais, como Facebook, Twitter, Flickr, Tumblr e Instagram na divulgação de notícias (fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia\\_Ninja](https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia_Ninja). Acesso em: 08 abr. 2024).

torcedor de futebol, de 10 anos (O Globo, 2023). Esta descrição, acompanhada das figuras 2 e 3, é feita apenas a título de contextualização e de retomada da cerimônia.

Importa sublinharmos que o objeto de nossas considerações analíticas será apenas a figura 1, a discursividade produzida em repercussão ao acontecimento histórico já mencionado. Contudo, entendemos que se faz necessário recuperar, ainda que brevemente, as condições de produção da materialidade em análise no seu sentido estrito e amplo<sup>5</sup>. Em razão disso, consideramos necessário revisitar o governo que antecedeu a posse de Lula em 1º de janeiro de 2023, para compreendermos por que esta discursividade em análise, segundo nosso olhar, pode funcionar como um contradiscurso.

## 2.2 Das condições de produção da materialidade em análise: um olhar para o governo do 38º Presidente da República Federativa do Brasil

Na legislatura de 1º de janeiro de 2019 a 1º de janeiro de 2023, a República Federativa do Brasil foi governada pelo 38º Presidente, um sujeito político que não será nomeado ao longo deste texto. Não o nomear é uma opção teórica e política alinhada ao nosso percurso de pesquisa.

Juntamente com Rosário (2020), entendemos que o 38º Presidente da República Federativa do Brasil (e seu governo)

[...] personifica uma junção perigosa de *neo fascismo com ultra-neoliberalismo, uma nova extrema direita* [...] Segundo os autores, há uma clara convergência política, entre o *ultra neoliberalismo, enquanto expressão dos interesses do capital financeiro e a atual ascensão da extrema-direita e neo-fascismo, pois as reformas agressivas e excludentes daquele [o 38º Presidente] acabam por colidir com o Estado de direito e com a democracia liberal, e a de mandar um Estado de Exceção*. As principais plataformas ultraliberais do governo Bolsonaro levadas adiante até o momento foram a reforma previdenciária e a precarização da educação pública, especialmente do ensino superior, liderada por seu ministro da educação Abraham Weintraub (Rosário, 2020, p. 33, grifos nossos).

Vivemos um governo de extrema direita marcado por desinformação, uso privado do lugar institucional de fala da Presidência da República e exercício violento do poder. Tal conjuntura já foi por nós analisada e discutida a partir de outras materialidades discursivas (Souza, 2020, 2022 e Souza; Silva, 2022, 2024). Como sabemos, foi um governo atravessado pela crise sanitária em nível global: a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional devido à pandemia da Covid-19. A pandemia foi decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, sendo seu fim declarado oficialmente em 05 de maio de 2023 (OPAS, 2023).

Ao longo dos quatro anos desse governo, o então Presidente da República estimulou a polarização político-ideológica em nosso corpo social:

<sup>5</sup> Em AD, conforme Orlandi, as condições de produção (CP) “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso” (2013, p. 30). A autora distingue as condições de produção em sentido estrito, que são “as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato”, das condições de produção em sentido amplo, que “incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (Orlandi, 2013, p. 30). Por meio da noção de CP, a AD trabalha a situação de enunciação e o sujeito, mas não é apenas isso: “as CP do discurso mostram a conjuntura em que um discurso é produzido, bem como suas contradições. Nessas condições, o sujeito produz seu discurso não como fonte de conhecimento, mas como efeito dessa rede de relações imaginárias, constituindo-se tal discurso na representação desse imaginário social (Indursky, 1997, p. 28). As CP têm papel importante no processo de compreensão desse imaginário social e das relações de poder envolvidas em todo discurso. Revelam as contradições ou regularidades dos discursos, pois expõem a rede de relações que o dizer estabelece com a exterioridade. Assim, é diante desse cenário teórico e metodológico, considerando os propósitos da Análise de Discurso, seu quadro epistêmico, o compromisso de observar a relação língua-história-ideologia no discurso, que entendemos que a categoria das condições de produção assume importância ímpar na/para AD.

i. seja considerando temas públicos relevantes e urgentes como algo simplório sobre esquerda e direita - como exemplo, podemos mencionar o enunciado tão repetido: "Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaína" (Lindner, 2020);

ii. seja, ainda em período de campanha eleitoral de 2018, incitando a intolerância e o ódio contra todos os brasileiros e as brasileiras que manifestassem posicionamento contrário aos saberes da extrema direita, em dizeres como: "Vamo fuzilar a petralhada aqui do Acre!" (Bonin, 2022, grifo nosso); "Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria" (Veja, 2018, grifo nosso).

Ao fazer a gestão das crises públicas em tempos de pandemia, função precípua do chefe do poder executivo federal, esse sujeito político difundiu desinformação acerca das medidas necessárias para conter a crise sanitária, dizendo o seguinte: "Quem já foi infectado e quem tomou vacina não precisa usar máscara." (G1, 2023, grifo nosso); "Se for a exemplo daquele decreto que nós já tivemos, seria o novo lockdown. A economia não aguenta. O Brasil vai quebrar." (Correio Braziliense, 2022, grifo nosso).

O referido Presidente ainda desencorajou a vacinação e a confiança no conhecimento científico, dizendo o seguinte: "Se você virar um jacaré, é problema seu. Se você virar super-homem. Se nascer barba em alguma mulher ou algum homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso." (G1, 2023, grifo nosso). Também negligenciou a vida e a saúde das brasileiras e brasileiros, em especial da parcela economicamente vulnerável da população, verbalizando a sua indiferença em relação ao número de mortos por Covid-19 com expressões como "e daí?", "pô!": "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre." (Garcia, Gomes, Viana, 2020, grifo nosso); "Tudo agora é pandemia. Tem que acabar com esse negócio, pô. Lamento os mortos, lamento, mas todos nós vamos morrer um dia." (Gomes, 2020, grifo nosso).

A partir da rememoração de dizeres como esses, explicitamos (em recortes) a desvalorização das diferenças. A desvalorização do outro que se posiciona politicamente de modo distinto em relação ao 38º Presidente, aos seus apoiadores e a respectiva matriz de sentido. Pontuamos, ainda, que recordar alguns dizeres deste Presidente cumpre dupla função, quais sejam:

i. Registrar e documentar por escrito o discurso violento desse sujeito, para que não se perca no vasto espaço virtual e, com isso, possa ser amenizado por efeitos de esquecimento. É preciso manter viva a memória acerca desse discurso que hoje habita o impalpável do interdiscurso;

ii. Expor o seu caráter antidemocrático em razão do desrespeito às diferenças e aos posicionamentos divergentes. Ao fazê-lo, busca evidenciar que não se trata do discurso de um sujeito em específico, mas funciona como um índice do discurso da extrema direita brasileira, dos seus saberes e dos sentidos movimentados, intensificados/fortalecidos e legitimados por essa matriz de sentido nos últimos anos. Assim, este recorte interdiscursivo busca apontar para o discurso da extrema direita no Brasil e suas violências, compreendendo o 38º Presidente como seu porta-voz, seu principal representante.

Nesta linha, reconhecemos que vivemos quatro anos de um governo democraticamente eleito<sup>6</sup>, mas que se sustentou no poder com discursos de menosprezo

<sup>6</sup> Entendemos necessário ressaltar que essa afirmação deve ser considerada com algumas ressalvas, uma vez que o cenário político para a eleição de 2018 foi antecedido de um *impeachment* - cuja razão maior foi posteriormente declarada

a todas as facetas da diversidade, da pluralidade e de desprezo às instituições republicanas e democráticas - é esse viés antidemocrático que é retomado na discursividade em análise aqui neste texto, para movimentar um contradiscurso. Dessa forma, do nosso ponto de vista, para construirmos uma leitura atenta à complexidade do processo de produção de sentidos posto em movimento no/pelo objeto simbólico em pauta, é preciso revisitar a noção teórica de democracia, suas características e suas funções.

## 2.2 Democracia e dizeres antidemocráticos

De início, ressaltamos que democracia não se trata apenas de tomada de decisão coletiva, de direito ao voto e à possibilidade de ser votado. Não se pode pensar nesta forma de organização política atrelada, apenas e tão somente, ao momento das eleições. Democracia impõe que se traga para o debate coletivo e público, de forma ampla e igualitária, as questões coletivas, possibilitando a participação de todos os sujeitos nos assuntos que a todos dizem respeito.

A democracia, por ser uma forma específica de organizar a sociedade, implica certos pressupostos e põe em movimento certos fins, os quais a caracterizam de fato. Norberto Bobbio (2014), em um ensaio que pretende responder à questão “Qual Democracia?”, salienta que pensar a democracia exige que nos dispamos do ideário clássico que a impregna. O autor explica que as dificuldades relacionadas à democracia se devem ao fato de “termos feito da democracia uma ideia muito fácil, simplificada, esquematizada. Acreditávamos, por exemplo, que a democracia fosse, simplesmente, o autogoverno do povo, como ensinara Rousseau” (Bobbio, 2014, p. 22).

O autor inicia suas reflexões oferecendo uma definição mínima de democracia, como sendo “caracterizada por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos” (Bobbio, 2002, p. 30). Essa definição aproxima, analogicamente, a noção de democracia a um jogo: para que haja efetivamente democracia, há regras que viabilizam a tomada de decisões coletivas. Por trás disso, antes de qualquer regra do jogo é imprescindível garantir a liberdade de escolha de cada jogador:

[...] é preciso que aqueles que são chamados a decidir ou a eleger os que deverão decidir sejam colocados diante de alternativas reais e postos em condição de poder escolher entre uma e outra. Para que se realize esta condição é necessário que aos chamados a decidir sejam garantidos os assim denominados direitos de liberdade [...] (Bobbio, 2002, p. 32).

Sublinhamos, então, a centralidade dos direitos fundamentais no sistema democrático, em especial, liberdade e igualdade: se não há liberdade para influir nas decisões coletivas, de forma que cada sujeito colabore igualmente para que a decisão final seja alcançada, não há decisão coletiva. Logo, não há democracia. Esses direitos,

---

inexistente pelo TCU -, bem como acompanhado da prisão do principal adversário político do então candidato de extrema direita. Prisão essa declarada ilegal, resultando na liberdade de Lula, em novembro de 2019. Remetemos o leitor a algumas notícias que confirmam tais considerações:

<<https://www.conjur.com.br/2022-set-22/mpf-arquiva-inquerito-pedaladas-ligadas-impeachment-dilma/>>;

<<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cn37z5v89d4o>>;

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/justica-mantem-decisao-que-isenta-dilma-rousseff-de-pedaladas-fiscais/>>;

<[https://cultura.uol.com.br/noticias/57533\\_o-tcu-nunca-classificou-a-conduta-da-presidente-dilma-como-crime-de-responsabilidade-diz-dantas.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/57533_o-tcu-nunca-classificou-a-conduta-da-presidente-dilma-como-crime-de-responsabilidade-diz-dantas.html)>.

portanto, “não são exatamente regras do jogo: são regras preliminares que permitem o desenrolar do jogo” (Bobbio, 2002, p. 32).

Sendo assim, toda essa forma própria de organização social pressuposta pelo regime democrático não é apenas para tomar decisões coletivas, para gerir a *res publica*, para promover a participação ativa de cada cidadão; toda essa ordem específica é orientada para a construção de uma sociedade igualitária, baseada no valor liberdade. Portanto, quando tratamos de democracia, tratamos de liberdade e de igualdade, considerando-os valores que se implicam reciprocamente.

Essa forma de pensar a noção de democracia nos ajuda a compreender o funcionamento que discursos violentos assumem quando põem em movimento a intolerância ao outro no que tange a sua participação no processo democrático. Estes discursos funcionam a partir de um modo desigual de relação entre o eu (sujeito enunciador) e o outro<sup>7</sup>. Ao trazer essas questões para a presente análise, pretendemos pensar sobre nossa (sobre)vivência democrática, sobre como nós brasileiros experienciamos a democracia. Como sugere Alain Touraine, na obra *Podemos viver juntos? Iguais e diferentes* (1998), pensar a democracia é refletir sobre a relação eu/outro, pois esse regime político pode ser entendido como uma questão de viver junto, de lidar com o convívio com o outro e suas diferenças.

Compreendemos, diante do caminho que trilhamos, que este olhar para as diferenças é mobilizado na discursividade por nós selecionada para análise, sob um eixo de sentidos direcionados à valorização, à conciliação, à união, sem apagar a diversidade que constitui nossa nação. Estes efeitos funcionam como uma contraposição à desvalorização de toda a forma de diferença movimentada pelo discurso da extrema direita ao longo do governo que, no momento de produção dessa discursividade, é encerrado. Ou seja, instaura-se um contradiscurso em relação aos dizeres do 38º Presidente, retomados anteriormente, na medida em que tais dizeres opõem-se ao funcionamento democrático em todos os seus aspectos, pois se fecham ao diálogo por significar toda a ordem de diferença como inaceitável e como alvo de variadas formas de violência.

### 3 CORPO E DESIGNAÇÃO NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE O BRASIL E A DEMOCRACIA BRASILEIRA: UM GESTO DE LEITURA

Conforme já anunciado, a discursividade em análise repercute a entrega da faixa presidencial ao 39º Presidente da República, representando alguns dos oito cidadãos brasileiros que acompanharam Lula no percurso de subir a rampa do Palácio do Planalto em 1º de janeiro de 2023. Trata-se de um momento simbólico que marca o fim de um governo e o início de outro.

Em continuidade ao nosso gesto de leitura, atentamos para a representatividade desses corpos apresentados, de brasileiros e brasileiras, como síntese imaginária do corpo social, nessas condições de produção. São corpos que representam, neste discurso, metonimicamente, toda a nação brasileira, todos os corpos que juntos compõem o que chamamos de Brasil, com um corpo-Brasil. Em nosso ponto de vista, a presente

<sup>7</sup> Analisamos detalhadamente esse funcionamento de discursos violentos, considerados discursos de ódio, no contexto democrático em outros trabalhos (Souza, 2018). Nossas considerações, aqui, partem dessas construções teórico-analíticas já realizadas.

discursividade<sup>8</sup> tem o corpo como principal elemento discursivo, como forma de existência material do discurso e, portanto, da ideologia<sup>9</sup>.

Leandro-Ferreira (2011) explica que a individuação do sujeito, possível com base em sua relação com o próprio corpo, ganha existência material tanto no corpo, como fora dele, e, por esse entendimento, ressalta como o corpo produz sentido e é significado. Pelas suas considerações, nas possibilidades de compreensão, destacamos: (i) o corpo imaginário, tratando da importância da imagem do corpo; e (ii) o corpo simbólico, marcado pelo significante e articulado numa estrutura linguística" (Leandro-Ferreira, 2011, p. 98).

Nesse horizonte teórico, o corpo pode ser estudado como lugar de observação do sujeito, como objeto e como ferramenta, pois o "corpo é tanto uma linguagem, como uma forma de subjetivação" (Leandro-Ferreira, 2013, p. 77). Dessa maneira, do nosso objeto, buscamos responder, com inspiração em Orlandi (2005), a questões como: Como o corpo pode formular/produzir sentidos? Como o corpo pode colocar sentidos em circulação social?

Nosso olhar para o corpo, enquanto linguagem, enquanto materialidade significante, tal como a língua em sua estrutura, considera que "o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro" (Leandro-Ferreira, 2013, p. 78).

Em nosso trabalho teórico-metodológico-analítico, dentre os caminhos possíveis para pensarmos o corpo como objeto de estudo, construímos nosso gesto interpretativo tomando-o como discurso, pois produz efeitos de sentido. Não fazemos referência ao caráter biologizante da noção, pois feriríamos o pressuposto fundamental da conceituação sobre sujeito e subjetividade na AD, embora a constituição biológica permita a existência da subjetividade no corpo social. Ou, nas palavras de Leandro-Ferreira:

Ao pensarmos a noção de corpo, enquanto corpo discursivo, não empírico, não biológico, não orgânico, o estamos propondo como um objeto discursivo, como materialidade que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à falha. [...] O corpo entraria no dispositivo como constructo teórico e lugar de inscrição do sujeito" (Leandro-Ferreira, 2013, p. 78, grifos nossos).

<sup>8</sup> O mesmo se pode dizer do acontecimento histórico em si, o qual é repercutido pela discursividade em tela. Ou seja, tomando a entrega da faixa presidencial como discurso, como efeito de sentido entre locutores (Pêcheux, 2010, p. 81), temos os corpos ali presentes como o eixo central em torno do qual os sentidos são produzidos, movimentados e postos em circulação social.

<sup>9</sup> Entendemos necessário retomar, brevemente, os moldes teóricos em que a noção de ideologia é tratada em AD. Para Pêcheux, é a ideologia que fornece as evidências do sentido (2009, p. 146). Os processos de significação são produzidos em meio a condições ideológicas de reprodução/transformação das condições de produção: é aqui que a ideologia se faz presente no discurso, produzindo efeitos de evidência e transparência da língua num dado momento histórico. A ideologia constitui-se de práticas, não se configura como a mentalidade ou espírito de uma época: são forças materiais (Pêcheux, 2009, p. 120 e p. 130). Há uma ideologia dominante que domina as práticas sociais e os movimentos de reprodução/transformação das condições de produção (Pêcheux, 2009, p. 132). A ideologia dominante impõe certos movimentos ao processo de reprodução/transformação das condições de produção para manter as relações de produção existentes, ou seja, para promover a continuidade das relações de força tal como estão organizadas na formação social. Orlandi explica que "a ideologia não é 'x', mas o mecanismo de produzir 'x'. No espaço que vai da constituição dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (o intradiscurso) intervêm a ideologia e os efeitos imaginários" (1994, p. 56). Considerando 'x', enquanto objeto simbólico, como efeito de sentido, sua produção se dá por meio da interpretação; é no processo de interpretação que podemos observar a ideologia em funcionamento, pois "diante de qualquer objeto simbólico 'x' somos instados a interpretar o que 'x' quer dizer. Nesse movimento da interpretação, aparece-nos como conteúdo já-lá, como evidência, o sentido desse 'x'" (Orlandi, 1994, p. 56). É dessa forma que a ideologia é considerada constitutiva do discurso e, assim, seu funcionamento é observado.

Nesse direcionamento, o corpo, como materialidade, situa-se entre as determinações imaginárias e as condições de produção. O corpo é materialidade discursiva, pois essa imagem não se produz sem a determinação subjetiva, linguística e histórica (Orlandi, 2005). Poderíamos situar, ainda, que o corpo pode funcionar como uma formulação visual, enquanto materialidade significativa (Lagazzi, 2015).

Do exposto, podemos observar em nosso objeto de análise que os corpos são representativos de um imaginário construído sobre o povo brasileiro, sobre a brasilidade e, desde este ponto de vista, temos elementos para tomarmos o corpo em sua dimensão de discurso, produzindo determinados efeitos de sentido nestas condições de produção. É nessa perspectiva, que buscamos a relação entre corpo e designação, levamos em conta as proposições teóricas de Eduardo Guimarães ao diferenciar o funcionamento da nomeação e o da designação. Nomear, entende o autor, diz respeito a um “funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome” (Guimarães, 2005, p. 9). Trata-se da relação nome/objeto, que está no nível da indicação da existência ou da classificação da coisa da qual se refere.

Por outro lado, a designação ultrapassa o referido nível da nomeação e diz respeito à:

[...] significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recortado historicamente pelo nome. A designação é algo abstrato, mas linguístico e histórico. Ou seja, é uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real. Por isso, um nome não é uma palavra que classifica objetos, incluindo-os em certos conjuntos. Para mim, tal como considera Ranciere os nomes identificam objetos (Guimarães, 2003, p. 54).

Com amparo nestas noções, entendemos que os corpos que compõem essa discursividade, reunidos nestas condições de produção, funcionam designando o Brasil e as/os brasileiras/os. Com este olhar, estamos propondo um deslocamento da noção de designação, pensada, inicialmente, para compreender discursos verbais - tal é a proposta teórica de Guimarães. Aqui, estamos pensando o funcionamento discursivo de designação em uma discursividade cuja materialidade é o corpo. O corpo funcionando discursivamente como unidade designativa: eis nossa proposição teórico-analítica.

Trata-se da relação corpo, sujeito e sentido que se faz significar e visualizar pela própria imagem corporal. O corpo, entendido enquanto lugar material de produção de sentidos, revela, com isso, a dimensão sócio-histórica e ideológica do discurso, funcionando discursivamente como designação. Isto nos permite recuperar de Leandro-Ferreira (2013) que onde há corpo, há historicidade e onde há historicidade, há memória.

Aqui, vale explicitar como a noção de historicidade é concebida em AD, pois não se trata de cronologia. A historicidade é a marca da história na língua, evidencia que as palavras carregam uma carga de sentidos produzidos ao longo da história: “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós” (ORLANDI, 2013, p. 20). Dessa forma, pensar a historicidade em AD é pensar em como os sentidos são construídos, é atentar para a determinação sócio-histórica dos discursos, dos efeitos de sentido. Quando direcionamos o olhar para a charge em pauta e buscamos compreender como os corpos ali retratados produzem sentido, mobilizando nesse processo analítico as condições de produção desse discurso e o panorama do governo anterior, estamos desenredando as relações sócio-histórica que subjazem a esse discurso e tecem os efeitos de sentido produzidos.

Retomando nosso objeto de análise, podemos observar um certo destaque à faixa presidencial, posto que é o único elemento colorido na composição da charge. Os corpos estão representados em sua multiplicidade de gênero, de faixa etária e etnicidade, valorizando a diversidade das cores e tonalidades da pele brasileira, do corpo social brasileiro. Os demais elementos estão todos em branco, não há destaque para características específicas e as roupas estão todas na mesma cor. Assim, ao não destacar especificidades, podemos compreender a sinalização de um efeito de unidade social, de coletividade, de formação de um todo que não precisa ser igual ou homogêneo para constituir-se em unidade. Por isso, não há destaques para as singularidades, mas há um movimento para enfatizar o que nos torna um único corpo coletivo, o que nos entrelaça na composição de um corpo social brasileiro.

Voltando-nos para a faixa presidencial, podemos observar que o colorido pode ser um índice de enaltecimento de sentidos democráticos, uma vez que a faixa é o símbolo da presidência da República, o maior posto de poder em nossa estrutura político-administrativa. Esta faixa e as suas cores vivas podem ser lidas como uma síntese do processo democrático e como um efeito de valorização da democracia, sobretudo nas condições de produção em pauta. Valorizar a faixa presidencial significa valorizar a participação de cada brasileira e brasileiro no processo de tomada de decisão coletiva, de escolha das representações políticas. E o acontecimento simbólico de posse presidencial é resultado desse processo.

Os sentidos em circulação social ao longo do governo anterior promoveram diferentes formas de violências contra a diversidade, a pluralidade e a diferença. Ou seja, violências contra o próprio regime democrático que pressupõe essa multiplicidade do/no corpo social para compor uma unidade em torno de uma ordem comum. Em última análise, podem ser interpretadas como violências contra a coletividade, contra o corpo social brasileiro, que foi significado de forma segmentada e disjuntiva a partir de pares dicotômicos que podem ser sintetizados no binômio esquerda/direita.

Então, trazer corpos plurais para a posse presidencial e torná-los o próprio discurso presidencial é ressignificar os caminhos institucionais de poder em direção à democracia, ao desfazimento de sentidos disjuntivos e dicotômicos em circulação social. Demarcar o fim da 38ª presidência e início da 39ª por meio de corpos diversos de brasileiros e brasileiras comuns funciona, portanto, como um contradiscurso que promove movimentos de resistência em relação aos modos de significação das diferenças de forma intolerante, negligente, indiferente e violenta.

Ao constituir-se como resposta a esses efeitos de sentido instaurados no/pelo discurso da extrema direita, a discursividade em tela realiza movimentos de desregularização em relação aos efeitos citados, buscando desconstruir o discurso-outro. E, assim, observamos o confronto de sentidos, de redes discursivas, de posições de dizer nesse processo de simbolização de relações de força.

Por fim, a discursividade em tela traz não apenas a representação de corpos diversos de brasileiras e brasileiros como materialidade significativa. Ainda que o corpo seja o principal ponto para a presente análise, atentamos, também, para o elemento verbal que compõe este objeto simbólico: "O Brasil toma posse de si mesmo". Nesta oração,

considerando o nível da formulação<sup>10</sup> (intradiscurso), a expressão “si mesmo” retoma o sujeito “Brasil”, cumprindo uma função reflexiva. Já no nível da constituição dos sentidos (interdiscurso), há uma retomada das condições de produção por nós explicitadas: o Brasil retomou a posse de algo que já não estava em seu poder: o seu próprio corpo (social).

Essa retomada interdiscursiva faz-se por meio da categoria da memória discursiva<sup>11</sup>, uma vez que traz a presença da exterioridade para o fio do discurso. É porque circularam/circulam socialmente saberes e sentidos acerca da polarização, segregação, divisão da sociedade brasileira em grupos dicotômicos e antagônicos, em permanente estado de tensão e conflito, que faz sentido um enunciado afirmativo sobre o Brasil recuperar a posse de si mesmo.

É em razão do contexto social vivenciado ao longo do governo do 38º Presidente da República que se faz necessário uma discursividade que busque enfatizar sentidos de união, de retomada de um senso de coletividade, de um único corpo coletivo formado pelos mais diversos corpos de brasileiras e brasileiros. Dessa forma, o componente verbal desta discursividade reforça sentidos acerca do funcionamento dos corpos como síntese imaginária do corpo social brasileiro. Neste ponto, destacamos, mais uma vez, o funcionamento dessa discursividade como um contradiscurso, como a produção de efeitos de sentidos que promovem movimentos de resistência aos saberes e sentidos que foram dominantes ao longo do governo que se encerrou.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como efeito de fechamento, reiteramos o interesse principal desta proposta teórico-analítica: explorar a relação corpo e designação em nosso objeto de análise (figura 1). Por isso, os elementos não verbais foram o centro de nossas reflexões e os elementos verbais foram entendidos como fatores intensificadores dos efeitos de sentido trabalhados neste exercício analítico.

Em nossa leitura, os corpos retratados neste objeto simbólico funcionam como uma síntese do valor democracia e do pluralismo (político e social), representando um todo e, assim, funcionando discursivamente como designação. Podemos observar, enquanto discurso, enquanto funcionamento discursivo, a significação do corpo republicano, do corpo democrático, culminando com a designação do corpo social brasileiro.

Entendemos, pois, que os corpos retratados na discursividade designam a diversidade étnica e social, representando, nestas condições de produção, o republicanismo, a volta do respeito e valorização à democracia em sua pluralidade e heterogeneidade. São oito corpos que, naquele processo discursivo, buscam metonimizar o corpo social brasileiro, designar o Brasil e a brasilidade sob o signo da diversidade e da

<sup>10</sup> Levamos em conta as considerações de Orlandi (2013, p. 30-33) quanto aos níveis de formulação e de constituição dos sentidos. No entanto, compreendemos diferentemente da autora as noções de interdiscurso e memória discursiva, que as toma como sinônimas, conforme explicamos e diferenciamos adiante.

<sup>11</sup> Acerca das noções teóricas de interdiscurso e memória discursiva, com sustentação em Indursky (2011), ressaltamos que não compreendemos interdiscurso como sinônimo de memória discursiva. Entendemos que o primeiro é saturado de sentidos, abrange todos os dizeres (passados e presentes) e todas as possibilidades de dizer (os dizeres futuros). No interdiscurso estão os sentidos que ‘todos sabem, todos lembram’, ou seja, estão os saberes memoráveis, passíveis de serem retomados. Diferente é a memória discursiva, porque mantém suas relações não com esse todo saturado que é o interdiscurso, mas com a FD em que o discurso é produzido. Ou seja, tem um compromisso com a rede de filiações da FD: “se a memória discursiva se refere aos enunciados que se inscrevem em uma FD, isto significa que ela diz respeito não a todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso, mas aos sentidos autorizados pela Forma-Sujeito no âmbito de uma FD” (Indursky, 2011, p. 86-7). Para nosso fazer teórico-metodológico, a memória discursiva é tomada como categoria de análise.

pluralidade (étnica, racial, etária, de gênero) para a (re)composição de um corpo coletivo. Observamos, assim, que este discurso tem o corpo como principal elemento discursivo.

Por fim, enquanto contradiscurso, compreendemos que esses corpos designam um Brasil que renasce após quatro anos de extrema direita. Movimentam, pois, sentidos sobre o que é o Brasil e o que é ser brasileiro, mobilizando uma gama de relações que subjazem a esse discurso: a necessidade (imposta pela ascensão da extrema direita) de reafirmar a diversidade. Reafirmar a pluralidade em diferentes esferas (social, racial, etária, econômica) que nos constitui enquanto nação, enquanto povo que partilha o mesmo território, as mesmas tradições culturais, as mesmas leis, as mesmas esferas de representação, os mesmos governantes e que, ao mesmo tempo, é tão diverso e plural.

São corpos em discurso que demarcam a necessidade de ressignificar a relação com as diferenças após uma extrema direita truculenta, intolerante, preconceituosa e excludente. Sendo assim, este exercício analítico traz para o debate corpos e(m) discurso que materializam sentidos de resistência no/pelo corpo, e, a partir dessa compreensão, retomamos que onde há corpo, há historicidade e há memória.

## REFERÊNCIAS

BOBBIO, N. **O futuro da Democracia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BOBBIO, N. **Qual democracia?** São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BONIN, R. Em 2018, Bolsonaro defendeu 'fuzilar a petralhada'. **VEJA**. 11 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/em-2018-bolsonaro-defendeu-fuzilar-a-petralhada>. Acesso em: 19 set. 2023.

CAZARIN, E. A. A análise do discurso e a sua interface com o político. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M. C.; MITTMANN, S. (org.). **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 165-182.

CAZARIN, E. A.; RASIA, G. S. As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político. **Revista Letras**, v. 24, n. 48, p. 193-210, jan./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148514432>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/14432>. Acesso em: 1 set. 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. Bolsonaro diz que economia não aguenta novo lockdown: "Brasil vai quebrar". 12 jan. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4976951-bolsonaro-diz-que-economia-nao-aguenta-novo-lockdown-brasil-vai-quebrar.html>. Acesso em: 19 set. 2023.

G1 - Política. Bolsonaro alvo da PF: relembre declarações do ex-presidente sobre a vacina contra Covid. 03 maio 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/03/bolsonaro-alvo-da-pf-relembre-declaracoes-do-ex-presidente-sobre-a-vacina-contracovid.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2023.

GARCIA, G.; GOMES, P. H.; VIANA, H. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. **G1**. 28 abril 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento->

[quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml](#).

Acesso em: 19 set. 2023.

GOMES, P. H. Brasil tem de deixar de ser 'país de maricas' e enfrentar pandemia 'de peito aberto', diz Bolsonaro. **G1**. 10 nov. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2023.

GUIMARÃES, E. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, n. 26, p. 53-62, jan./jun. 2003. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511880>.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11880>. Acesso em: 10 set. 2023.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2005.

INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F. MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L. (org.). **Memória na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 69-89.

INDURSKY, F. O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST: uma questão de lugar-fronteira. **Revista da ANPOLL**, n. 12, p. 111-131, jan./jun. 2002. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i12.507>. Disponível em:

<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/507>. Acesso em: 2 set. 2023.

LAGAZZI, S. Linha de passe: a materialidade significativa em análise. **Revista RUA**, v. 16, n. 2, p. 173-182, 2015. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v16i2.8638825> Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638825>. Acesso em: 9 ago. 2023.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. O discurso do corpo. In: MITTMANN, S.; SANSEVERINO, A. (org.) **Trilhas de investigação**: a pesquisa no I. L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2011. p. 89-105.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. O corpo enquanto objeto discursivo. In: PETRI, V.; DIAS, C. (org.) **Análise do discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 99-108.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO**, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697>. Acesso em: 18 set. 2023.

LINDNER, J. 'Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaina', diz Bolsonaro sobre liberação. **ESTADÃO**. 19 maio 2020. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/saude/quem-e-de-direita-toma-cloroquina-quem-e-de-esquerda-tubaina-diz-bolsonaro-sobre-liberacao/>. Acesso em: 19 set. 2023.

MÍDIA NINJA. O Brasil toma posse de si mesmo. São Paulo, 1º jan. 2023. Instagram: @midianinja. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cm5PMaBp-Bp/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

O GLOBO. Lula sobe rampa do Planalto com representantes do povo brasileiro [...]. 01 jan. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/01/lula-sobe-rampa-do-planalto-acompanhado-de-catadora-metalurgico-pessoa-com-deficiencia-e-indigena-saiba-quem-sao.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2023.

OPAS. OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. Publicado em 05 maio 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 26 set. 2023.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso** – Princípios e Procedimentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Revista Em Aberto**, ano 14, n. 61, p. 52-59, jan./mar. 1994. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.14i61.%25p>. Disponível em: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2250>. Acesso em: 26 set. 2023.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso** - uma introdução à obra de Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ROSÁRIO, L. P. D. do. A Necropolítica Genocida de Bolsonaro em tempos de Pandemia e o Projeto Ultra-Neoliberal. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, v. 6, n. 2, p. 28-49, jul./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18764/2447-6498.v6n2p28-49>. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/15815>. Acesso em 27 set. 2023.

SOUZA, M. J. de. Discurso de ódio e dignidade humana: uma análise da repercussão do resultado da eleição presidencial de 2014. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 57, n. 2, p. 922-953, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/010318138651928366411>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651928>. Acesso em: 9 set. 2023.

SOUZA, M. J. de. Crise sanitária e violência simbólica: uma análise de práticas discursivas do presidente da República Federativa do Brasil. **Revista Cadernos de Linguística**, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2022. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2022.v3.n1.id628>. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/628>. Acesso em: 26 set. 2023.

SOUZA, M. J. de. Discurso de ódio e dignidade humana: uma análise comparativa da repercussão do resultado da eleição presidencial de 2014 e de 2018. **Revista Cadernos de Linguística**, v. 1, n. 2, p. 01-22, out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675->

[4916.2020.v1.n2.id79](https://doi.org/10.24080/4916.2020.v1.n2.id79). Disponível em:  
<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/79>. Acesso em: 26 set. 2023.

SOUZA, M. J. de; SILVA, N. S. da. Corpo e designação: considerações teórico-analíticas sobre o funcionamento discursivo do corpo como unidade designativa. **Revista da Anpoll**, v. 55, p. e1857, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v55.1857>. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1857>. Acesso em: 6 maio. 2024.

SOUZA, M. J. de; SILVA, N. S. da. Resignificação e resistência no sintagma "distanciamento social": uma análise discursiva sobre a luta pelos sentidos em tempos de Covid-19 no Brasil. **Revista Fragmentum**, n. 59, p. 173-191, jan./jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179219468890>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/68890>. Acesso em: 26 set. 2023.

TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VEJA. "Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria", diz Bolsonaro. 22 out. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/esses-marginais-vermelhos-serao-banidos-de-nossa-patria-diz-bolsonaro>. Acesso em: 19 set. 2023.

VERDÉLIO, A.; RICHTER, A. Lula sobe a rampa do Planalto e recebe faixa presidencial. **Agência Brasil**. 01 jan. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-01/lula-sobe-rampa-do-planalto-e-recebe-faixa-presidencial#>. Acesso em: 13 mar. 2023.

Artigo recebido em: 11/05/2024  
Artigo aprovado em: 06/07/2024  
Artigo publicado em: 11/07/2024

#### COMO CITAR

SOUZA, M. J. de. Corpos políticos na entrega da faixa presidencial: uma análise discursiva. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-16, e02416, 2024.